

UNIDADE DE POESIA INTENSIVA (UPI): PROPOSTA PARA UMA EDUCAÇÃO POÉTICA NA ESCOLA

Anderson Rany Cardoso da Silva (UEPB – PIBID)
andersomRany123@hotmail.com
Leandro Henrique de Souza Bezerra (UEPB-PIBID)
leandrohenrique00@live.com
Laise Tatiane Gomes de Melo (UEPB – PIBID)
layseletrasuepb@hotmail.com
Maria Conceição Ferreira Torres (UEPB – PIBID)
ceiçatorres@hotmail.com
Marcelo Medeiros da Silva (Orientador – UEPB)
marcelomedeiros_silva@yahoo.com
Fagner de Oliveira Santos (Supervisor – UEPB)
fagner.oz@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo é decorrente das ações que estamos desenvolvendo como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e estão sendo realizadas em uma das escolas da rede pública de ensino do município paraibano de Monteiro. Nossas ações estão centradas no despertar o gosto pela leitura de textos literários, uma vez que, na esteira de Candido (1995, 2002), acreditamos ser a literatura imprescindível na formação do ser humano. Dessa consciência “política” da importância do texto literário e, mais ainda, da relevância de abordagens de leitura adequadas à formação de leitores de literatura, é que advém a proposta de trabalho com o gênero poesia que pretendemos implantar na escola onde estamos trabalhando.

Nosso intuito é fazer com que a nossa experiência possa contribuir para a ressignificação das práticas de leitura nas aulas de língua materna na educação básica de forma que a escola possa primar por uma educação literária mais sólida e significativa para os alunos. Para tanto, acreditamos que o trabalho com o texto poético, a partir do que estamos chamando de Unidade de Poesia Intensiva (UPI), pode contribuir para que a poesia e outros textos literários não só circulem no ambiente escolar, mas sejam levados pelos alunos a circularem para fora da escola, “fisgando” novos leitores. É, pois, de como implantar uma UPI na escola o que iremos tratar nos itens a seguir do presente trabalho.

METODOLOGIA

Considerando que a criação da UPI deve ser uma ação coletiva da turma que visa espalhar poesia por toda a escola, cada sala de aula pode ser o centro para uma UPI, mas, se na escola houver um espaço que possa ser utilizado como “ambulatório poético”, isto é, uma sala que possa ser decorada com poemas, gravuras, ter livros espalhados pelo chão, valer-se desse espaço pode ser uma boa alternativa. Entretanto, frisamos que a produção das pílulas poéticas que serão entregues na UPI deve ser realizada em sala de aula e por todos os alunos envolvidos. Aqui, a criatividade do professor e dos alunos irá ditar os rumos do processo. No nosso caso, passamos a apresentar como procedemos na escola em que estamos trabalhando.

No primeiro momento, foi realizada a “dinâmica do oráculo”, a qual consistiu em levar, em um pote, espécie de urna, um número expressivo de poemas dos mais variados temas e autores. Cada aluno era convidado a retirar um poema do pote, lê-lo para os demais alunos e entregá-lo a um colega com o qual o poema, segundo o aluno que o retirou do pote, se parecia ou lembrava. Esse foi, pois, um exercício que procurou despertar o quanto os alunos se conheciam entre si e quais eram os laços afetivos estabelecidos entre eles. Logo após, foram entregues poemas de temáticas variadas a fim de que fossem lidos e discutidos pelos alunos. Aí foi que lançamos o desafio: se a poesia fosse um remédio, perguntamos aos alunos que males eles poderiam curar com ela. Dentre os males elencados pelos alunos estavam: ciúme, tristeza, saudade, desilusão, preconceito, inveja, entre outros.

Então, se o mal existe, era preciso buscar a cura. Pedimos, agora, que os alunos trouxessem poemas que pudessem servir de antídoto para as “doenças” diagnosticadas por eles. Queríamos com isso que os alunos trouxessem as suas próprias escolhas de leitura para que pudéssemos trabalhá-las em sala de aula. É importante frisarmos que tal atividade ocorreu em grupos e estes estavam livres para fazerem as devidas escolhas. Diante do material trazido pelos alunos, considerando que pretendíamos produzir “pílulas poéticas”, pedimos que eles selecionassem o conteúdo para cada uma das pílulas, isto é, escolhessem os versos de cada um dos poemas que, sintetizando um modo de pensar, ser e existir, pudessem servir como lenitivo contra os males que foram apontados pelos alunos. Feita essa seleção,

todos os versos foram digitados, impressos em folhas coloridas, recortados e enrolados para serem inseridos nas cápsulas.

Antes de partirmos para a produção das pílulas poéticas propriamente ditas, já que estávamos “criando um novo remédio”, achamos pertinente o estudo do gênero bula a fim de que os alunos se apropriassem dos traços estilístico-formais do referido gênero para, a partir daí, produzirem a bula do remédio que eles estavam “fabricando”. Para iniciar o estudo da bula médica, realizamos a dinâmica “força médica”, que consistia em fazer com que os alunos adivinhassem as palavras que tinham sido por nós pensadas, mas apenas sinalizadas com os espaços vazios no quadro, cada um dos quais correspondia a uma letra da palavra que deveria ser adivinhada. Salientemos que todas as palavras pensadas por nós pertenciam a um mesmo campo semântico: o da medicina. Algumas regras foram estipuladas, tais como: a cada acerto de uma letra do composto, o grupo pontuaria o valor referente de um ponto, ao acerto da palavra completa, seriam somados cinco pontos para a equipe. Caso um grupo errasse a palavra na hora da resposta final, seria automaticamente eliminado. Existindo a possibilidade de eliminação de todos os grupos, um sorteio decidiria dois grupos para voltarem ao jogo e terem mais uma tentativa de acertar a palavra.

Depois dessa fase de interação e motivação inicial, o professor ficou responsável por selecionar bulas para entregar aos alunos a fim de que esses, por meio da comparação entre textos diversos de um mesmo gênero, pudessem identificar traços recorrentes, funções e usos sociais do gênero em estudo. Prosseguindo, aplicamos um pequeno questionário com o intuito de sondar quais os conhecimentos prévios que os alunos detinham acerca da bula de remédio bem como dos usos e funções a que se presta o referido gênero em nossa sociedade. Posteriormente a essa reflexão, uma vez que já tinham sido identificadas algumas marcas do gênero em estudo, cobramos dos alunos a produção textual de uma bula para o medicamento poético que eles estavam produzindo. Os alunos estavam livres para usar da criatividade na hora não só de escrever a sua bula médica como também na hora de pensar o nome para o remédio que eles estavam produzindo.

As bulas escritas pelos alunos deveriam conter os seguintes itens: composição, informações ao paciente, posologia, como usar o medicamento, quando suspender o tratamento, prazo de validade, efeitos e contra indicações. Dentre os nomes criados pelos alunos para os medicamentos, estão os seguintes:

poerona, poesitrocina e poex. Registremos que essa atividade foi feita e, inclusive, corrigida e reescrita em sala de aula a fim de que os alunos percebessem como escrever é um ato que envolve este ir e voltar constante ao texto antes que este possa ser dado como concluído.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da experiência vivenciada por nós no trabalho em fazer com que os alunos percebessem ser “a poesia um santo remédio”, é importante registramos que a constante interação entre alunos, bolsistas e professor-supervisor no ambiente escolar promoveu momentos de descontração e partilha de saberes muito significativos para todos os envolvidos, mas, sobretudo, para nós, professores em formação inicial. O trabalho em sala de aula, conforme descrito acima na metodologia, evidenciou-nos que a ressignificação de determinadas práticas pedagógicas passa, inevitavelmente, pela vontade e querer por parte do docente de quebrar as barreiras de um ensino que pouco tem contribuído para a formação dos alunos da educação básica no que tange a dotá-los de competência no manejo da leitura e da escrita como ferramentas imprescindíveis à vida em sociedades letradas como a nossa. No que tange ao fomento do gosto pela leitura literária, notadamente, a leitura de poesia, é de suma importância frisar que o trabalho despertou nos alunos um maior interesse e apreço pelo referido gênero. Em outras palavras, o ensino de poesia “contribui significativamente para o processo de desenvolvimento do jovem, proporcionando-lhe uma experiência de aprendizagem e, conseqüentemente, uma transformação frente à leitura dessa modalidade de texto (...)” (TAVARES, 2007, p.17).

O que afirmamos anteriormente e é reiterado pela citação acima pode ser corroborado pelo fato de que, se no início das atividades aplicadas os alunos não se interessavam e em muitas oportunidades nem tinham disposição para fazê-las, como foi no caso dos momentos de leituras dos poemas, com o desenrolar das atividades em sala de aula, notamos um aumento progressivo no interesse deles, visto que, se antes eram quase que apáticos, passaram a demonstrar maior afinco na realização do que lhes era proposto. Talvez, o afinco maior eles demonstraram no momento em que todo o trabalho deles estava se concretizando na realização da última etapa – a produção das pílulas poéticas, segundo retrata a imagem abaixo:



Cápsulas poéticas produzidas pelos alunos

Por fim, dentre os resultados a que chegamos com a experiência descrita no presente trabalho, está o fato de que, apesar do tratamento equivocado emprestado ao texto literário em sala de aula, especialmente o texto poético, o qual é utilizado como objeto de estudos meramente gramaticais, o texto literário deve adquirir uma centralidade maior nas aulas de língua materna, sobretudo porque a literatura, esse construto de textos que, no dizer de Eco (2003, p. 09), a humanidade produziu e produz não para fins práticos, mas por amor a si mesma, é fator indispensável no processo de formação total do ser humano. Não custa lembrarmos que ter a humanização como escopo é uma das metas do ensino de literatura e das artes em geral, o que já está prescrito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu inciso III, no qual está assinalado que um dos objetivos do ensino médio é propiciar o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996), objetivo esse a que se presta muito bem o ensino de literatura.

CONCLUSÃO

As atividades desenvolvidas em torno da criação de uma “Unidade de poesia intensiva (UPI)” na escola onde realizamos nossas intervenções como bolsistas do PIBID foram de suma importância não só para os alunos com quem trabalhamos, mas, sobretudo, para nós, professores em formação inicial. Para aqueles, conseguimos trazê-los para próximo da literatura, mostrando que a leitura e o trabalho com o texto na sala de aula é algo que pode ser feito conjugando saber e sabor. Para nós, além de nos realizarmos com os resultados obtidos, visto que conseguimos lançar a semente da leitura em muitos dos alunos, o contato com os alunos e a vivência com situações reais de sala de aula proporcionaram a nós reafirmamos a escolha pelo magistério, apesar das dificuldades que permeiam o exercício da profissão docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: MEC, 1996.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed rev. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: — *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Ed. 34; Duas Cidades, 2002.

ECO, Umberto. Sobre a literatura. In: _____. *Sobre a literatura*. 2 ed. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TAVARES, Diva Sueli Silva. *Da leitura de poesia à poesia de leitura: a contribuição da poesia para o ensino médio*. Natal, RN: Biblioteca central, 2007.